

# RUPTURA, IRONIA E NEGAÇÃO: UMA OBRA NÃO CANÔNICA E DESCONTINUIDADES NA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA

**Ronaldo de Oliveira Batista\***

*Resumo:* A partir de procedimentos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, o texto procura uma reflexão a respeito de uma obra não canônica na história da gramática brasileira. Para tanto, analisa-se o discurso irônico da *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*, escrita em 1927 por Mendes Fradique com o objetivo de criticar uma tradição de ensino brasileira, articulada a uma outra perspectiva crítica, que colocava em pauta a sociedade brasileira das primeiras décadas da República. Considerando a obra irônica de Mendes Fradique como um exemplar de ruptura em uma tradição gramatical, pretende-se também discutir o que se compreende como continuidade e descontinuidade na história dos estudos sobre a linguagem.

*Palavras-chave:* Historiografia linguística. Gramática. Mendes Fradique.

## INTRODUÇÃO: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NA HISTÓRIA

■ **E**ste texto e suas reflexões estão ancorados em princípios de análise e investigação de um campo que, desde a década de 1970, vem sendo reconhecido como Historiografia da Linguística, e que se propõe reconstruir momentos da história dos estudos sobre a linguagem em dimensão interpretativa, a partir de procedimentos teórico-metodológicos (cf. entre outros ALTMAN; BATISTA, 2012; BATISTA, 2013; SWIGGERS, 2010, 2013). Para o alcance de uma compreensão de diferentes tentativas de entender a linguagem humana, há também diferentes modelos de observação da História, que representam diretrizes possíveis para uma investigação historiográfica (KOERNER, 1989). A perspectiva que será adotada neste trabalho leva em conta uma abordagem atenta a um processo histórico dinâmico, no qual correntes teóricas e tradições de tratamento da linguagem alternam-se em meio a sucessos e fra-

\* Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Professor adjunto na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: robotista@mackenzie.br

cassos. Pode-se, dessa forma, adotar como pressuposto uma historiografia de continuidades e descontinuidades, na qual a presença de uma proposta teórico-metodológica ou de um programa de pesquisa não elimina outras. Assim, o historiógrafo pode reconhecer problemas recorrentes ao longo da história dos estudos sobre a linguagem; ou mesmo, optando por outra linha de trabalho, analisar períodos em que houve descontinuidades entre propostas de análise linguística e gramatical.

Nessa linha de compreensão, entende-se a História como sucessão alternada de continuidades e descontinuidades e, mais especificamente, há uma compreensão de que o desenvolvimento de diferentes estudos sobre a linguagem ao longo do tempo possibilitaram a formação de tradições de pensamento, no sentido de que o conhecimento sobre línguas e linguagem configurou-se em perspectivas diversas, congregando intelectuais, cientistas e gramáticos em diferentes grupos, promovendo, consequentemente, embates em torno da manutenção ou de rupturas de modos de pensamento.

Sendo assim, um eixo de continuidades se forma quando há adesão a saberes que já foram validados dentro de um campo e que têm reconhecimento sólido de um grupo de pesquisadores e intelectuais; constrói-se, portanto, uma tradição de pensamento. Para a reflexão que será colocada neste trabalho, entende-se que a história da gramática pode ser vista, em uma determinada perspectiva, como uma história de continuidades. Não é à toa a denominação corrente de tradição gramatical para uma série de descrições linguísticas (normativas ou não), que deram origem ao que denominamos de Gramática Tradicional, um programa de tratamento descritivo-analítico sobre estruturas e fenômenos linguísticos com longa história e que permanece em larga medida, e em várias perspectivas, muito presente no ensino e na descrição linguística (SWIGGERS, 1997). De maneira complementar, há também um eixo de descontinuidades, em que prevalecem a diferença, a oposição e a ruptura, a quebra da ordem estabelecida dentro de um campo e de programas de investigação sobre a linguagem e as línguas. Uma ruptura como negação do conhecido e estabelecido, manifestada via questionamentos críticos elaborados em retóricas<sup>1</sup> de descontentamento com pressupostos teóricos e/ou procedimentos analíticos (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). No entanto, é necessário que se faça uma consideração que não pode ser esquecida: há um lado invertido da ruptura, pois no outro lado do espelho a descontinuidade não deixa de prover (e de manter) prospectivamente um espaço simbólico de uma continuidade que procura justamente romper; como elementos do mesmo material a ruptura traz em si a semente da continuidade, pois a novidade, se aceita, poderá virar tradição também. Assim, um movimento contínuo se forma, gerando uma sucessão alternada de continuidades e descontinuidades, dando corpo a uma corrente histórica que só pode ser considerada como processo dinâmico e vivo.

Neste estudo, vou privilegiar uma das faces dessa história duplamente considerada (como continuidades e descontinuidades em constante diálogo): propõe-se, em um ângulo interpretativo, analisar, a partir do estudo de caso de uma gramática brasileira escrita em 1927, pontos históricos de cisão, de rupturas, em que objetos de saber se entrelaçam ou se embatem de maneiras especí-

1 O termo *retórica* é aqui tomado em um sentido mais técnico, por assim dizer, procurando denotar modos de discurso circunscritos a indivíduos que objetivam atingir algo por meio de seus enunciados, sempre contextualizados histórica e socialmente, transmitindo, assim, intenções que visam alcançar objetivos maiores em um grupo, tendo em vista a legitimação ou não de saberes em uma determinada época.

ficas na história do conhecimento sobre a linguagem<sup>2</sup>. Para uma história de ruptura, vai se considerar como um dos elementos centrais de análise a retórica adotada por intelectuais, pesquisadores e, neste caso específico, por gramáticos. Veremos como os modos de dizer possibilitam entender o conhecimento em um viés mais social, como parte do processo histórico de formação e desenvolvimento de uma ciência ou área de saber, neste caso o conhecimento gramatical, e de suas práticas discursivas, revelando posicionamentos ideológicos, sociais e históricos, em torno do estabelecimento de retóricas típicas de comunidades de pesquisadores e intelectuais.

Quando comunidades científicas ou intelectuais se organizam em torno de uma retórica de ruptura ou de adesão a um paradigma (conjunto de conhecimentos e de procedimentos técnicos que sustentam descrições e análises), a suposta neutralidade do discurso científico ou do conhecimento intelectual coloca-se em meio a um posicionamento que se quer legítimo e ocupa seu lugar social, uma vez que fala de um espaço específico e demarcado. A retórica adotada por um gramático, por exemplo, estabelece a projeção de uma imagem considerada inquestionável para os que entram em contato com uma obra e com uma tradição intelectual, como a criação de um *topos*, de caráter consensual. E, quando há uma franca oposição a esse lugar até então inquestionável, a historiografia observa a presença dos discursos de ruptura, clamando por alterações ou revisões críticas e mesmo por negações absolutas, desqualificando, assim, o que lhe é antecedente.

Partindo dessas considerações de natureza teórica, entende-se que há uma tradição gramatical que ordena e reconhece modos legítimos de estabelecer um tratamento descritivo e analítico das línguas. Essa configuração encontra suas raízes na tradição greco-latina clássica e se reatualizou no período que Auroux (1992) denomina “revolução tecnológica da gramatização”, momento da modernidade (séculos XV, XVI e XVII), em que diferentes línguas do mundo passaram a ter registro gramatical tal como aquele elaborado para línguas como o grego e o latim clássicos. A Gramática Tradicional é reconhecida como uma tradição nos estudos sobre a linguagem e, como tal, há uma retórica que a acompanha, com alto valor persuasivo (calçado em torno de sua perenidade histórica, por exemplo), refletido na permanência desse modo de tratamento da língua no espaço escolar e na imagem simbólica que se tem na sociedade em geral do que é estudar linguagem. Em contrapartida a essa visão, será colocado em destaque um *outro* discurso gramatical, construído na elaboração de uma crítica e negação da validade dessa Gramática Tradicional e seus modos de ensino, procurando a escrita de uma história de ruptura, considerando, para tanto, a gramática brasileira escrita em 1927 por Mendes Fradique, que em veia irônica negou os saberes reconhecidamente considerados como válidos em termos de descrição e análise gramatical.

Para alcançar o objetivo proposto, a gramática de Mendes Fradique será colocada sob análise em duas perspectivas: 1. uma observará como o espelho irônico do “método confuso” nos permite verificar a formação específica de modos do ensino de língua no início do século XX e a produção de material didático que possibilitava o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, o “método confuso” gramatical de Mendes Fradique será analisado em sua constituição como

2 Schlieben-Lange (1993) discute modos de escrever uma história da linguística, abordando elementos de continuidade e descon-tinuidade em uma narrativa de reconstrução histórica.

ironia a um material didático, em relação a exemplares gramaticais da época efetivamente utilizados no ensino; poderemos analisar, seguindo essa perspectiva, de que modo os posicionamentos irônicos do autor servem, na verdade, como crítica a um ensino tradicional e distante, de acordo com sua perspectiva, da realidade de uso da linguagem pelos falantes; 2. outra observará como o traçado irônico, cunhado na paródia e no deboche, de Mendes Fradique pode nos lançar alguma luz sobre como alguns viam gramática como gênero que alcançava (e alcança) uma inserção social bastante específica. Objeto sempre presente no ambiente escolar, para muitos o vilão do acesso à língua e seus fenômenos, a desconstrução operada pelo “método confuso” nos conduz a uma mirada da cultura linguística que se forma em torno desse instrumento linguístico (AUROUX, 1992), a gramática.

### **NO CONTEXTO DA DÉCADA DE 1920, MENDES FRADIQUE E O OLHAR DA IRONIA**

A virada do século XX e suas primeiras décadas testemunharam o crescimento dos centros urbanos, com suas novas avenidas centrais, dando lugar aos primeiros automóveis, modificando a paisagem e os hábitos dos moradores, ora em revolta por conta das inaugurações políticas de saúde pública e as vacinas, ora embevecidos diante das imagens em movimento nas películas que faziam a fama da era de ouro do cinema brasileiro. Nesse frenesi de modificações e velocidades, não só os olhos da população de um novo Brasil, assim se acreditava na empolgante revoada dos ares da República, eram inundados com o inédito. As gravações de vozes e canções em fonógrafos davam vida às máquinas que falavam e definitivamente inseriam o país nos tempos da técnica e da ação mecânica, “impondo a fatalidade do progresso” (LUSTOSA, 1993, p. 29).

Nesse mundo do moderno, a sociedade em crescente desenvolvimento viu ganhar destaque particularmente a piada, a paródia, o riso e a blague como meios de acesso não só à representação da modernidade e do desejo cada vez maior de ser contemporâneo de seu tempo, mas também a uma crítica que via na República uma instituição atrasada, perpetuando valores e práticas de uma dinâmica política que ainda eram elitistas e, conseqüentemente, excludentes, negando o tempo do novo. Seria nesse espaço social que a boemia e os boêmios instalariam o humor e a caricatura como lentes de observação do mundo que os rodeava (LUSTOSA, 1993).

Em meio a caricaturistas, cronistas, escritores e jornalistas, reunidos nos cafés dos centros urbanos, José Madeira de Freitas encontrou seu espaço no Rio de Janeiro no final da década de 1910. Autor de caricaturas, artigos na imprensa, textos humorísticos, adotou o pseudônimo de Mendes Fradique e produziu, com sucesso em sua época (ainda que pouco da memória dele tenha restado em nossa história), entre outras obras, três livros cunhados na base de uma crítica social e política embalada na ironia e na paródia, a partir do que denominou “methodo confuso” – *A História do Brasil pelo Methodo Confuso* (1920), *Feira Livre – Antologia Nacional pelo Methodo Confuso* (1923), *Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso* (1927)<sup>3</sup>.

3 Os três livros têm em comum, além do subtítulo “pelo método confuso”, o fato de serem sátiras a livros didáticos. São caricaturas dos textos pedagógicos de então, reproduzindo a ordem e o formato tradicional dos livros de cada um dos gêneros que

Longe do discurso de uma configuração didática do que a tradição compreende como livro para ensinar aspectos da língua portuguesa, a “gramática” de Mendes Fradique, em tudo construída na linha irônica de uma paródia que constantemente inverte e subverte o gênero, cumpriu uma função crítica importante (ainda que pouco lembrada na reconstrução historiográfica dos estudos sobre a linguagem no Brasil), no sentido de que podemos vislumbrar modos de tratamento da língua. Não verdadeiramente *gramática*, mas subversão de gênero clássico no ensino de língua, “o método confuso” de tratar fenômenos linguísticos nos coloca diante de um incômodo espelho: aquele que questiona e critica uma tradição de longa duração na história do pensamento gramatical, desde sua capa, em que um intelectual recebe um golpe de um cavalo, caindo metaforicamente, assim, de seu lugar estabelecido na sociedade, representado por um livro em tamanho descomunal – imagem simbólica com forte viés crítico dos saberes estabelecidos.

### **A GRAMÁTICA E O *METHODO CONFUSO*: ESPELHO INVERTIDO E CRÍTICA IMPLACÁVEL**

Com as palavras seguintes, Mendes Fradique ([19--], p. 5) introduzia sua proposta gramatical em 1927<sup>4</sup>:

*Tendo eu encetado, a título de ensaio, ha alguns annos, a publicação de uma série de livros didacticos, obedecendo ao methodo do Sr. Thomaz Delphino, qual é o Methodo Confuso, verifiquei, sem menor difficuldade, a perfeita adaptação desse methodo á mentalidade da minha gente e da minha raça.*

Ao contrário do que o texto de divulgação na quarta capa proclamava na edição da casa Musa, não é tão simples ver na proposta de Mendes Fradique apenas um “delicioso descanso para quem o ler” nem que seu autor tenha sido “um homem que escreveu somente com o intuito de divertir o povo”. A gramática do “método confuso” é, na trilha do riso e da ironia, parte de um projeto crítico que não pode ser deslocado de seu tempo de constituição. O horizonte de retrospectiva para o qual somos dirigidos pela paródia gramatical reflete um período no qual o humor e a blague eram moedas de troca sem concessão para as turbulências sociais que traziam à luz um país ainda distante do que pretendiam aqueles que viam o fim da Monarquia como ingresso em nova configuração social.

Mendes Fradique enfrentou com sua paródia uma série de discursos gramaticais da época, materializados em diferentes compêndios que deram o tom do ensino de língua portuguesa na década de 1920. Espelho invertido da gramática

---

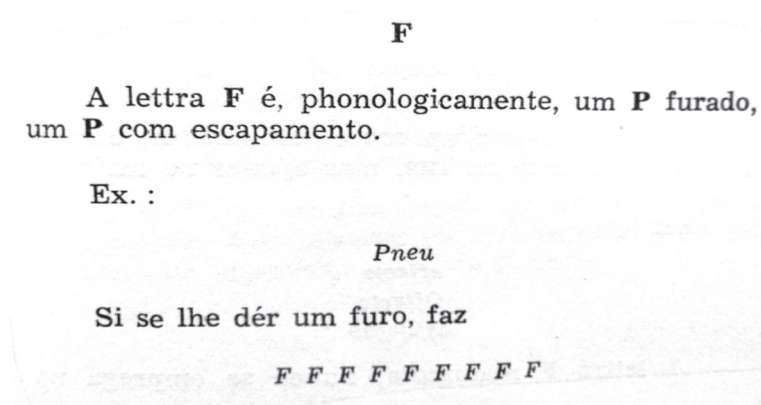
pretendem satirizar. Neles, mais do que nos outros livros, há uma invasão do espaço editorial através de informações falsas ou de deslocamentos de fatos, datas, personagens, biografias, notas de pé de página, prefácios etc. (LUSTOSA, 1993, p. 111-112). Mendes Fradique fecha o título de três dos seus livros com a desinência “pelo método confuso”. A fórmula, cunhada a partir de expressão colhida em crônica de João do Rio sobre programas administrativos de nossos governos ou, segundo o próprio autor, obedecendo ao método do Sr. Luís [sic] Delfino, é a chave com que Mendes Fradique evidencia a sua intenção satírica frente ao público. Conformo o termo necessário ao contrato em que fica estabelecido, desde a capa ou mesmo desde a divulgação, que aquele não é um livro sério, que não se trata de uma verdadeira História do Brasil ou de uma verdadeira Gramática Portuguesa (LUSTOSA, 1993, p. 159).

4 Neste trabalho, utilizamos a edição da Musa, que não traz a data de sua publicação, mas podemos inferir que tenha vindo ao prelo pelo menos com alguns anos de distância das edições de 1927 e 1928, já que o texto de quarta capa nos informa que: “foi publicada em 1928 por uma editora de renome do Rio de Janeiro e esgotada há anos”.

corrente então, já que não reproduz o que mira, mas o subverte e o vira do avesso, pode-se colocar a gramática pelo “método confuso” em uma formulação tão precisa em sua ironia que quase poderíamos empregar a máxima *cara de um, focinho de outro*.

De acordo com a tradição de sua época para o que se compreendia como o gênero didático da gramática, após uma introdução inaugurando a chave corrosiva e irônica que vai permear a obra toda, há 34 capítulos com: definição de língua e gramática; divisão da gramática; fonologia e alfabeto; lexicologia; classes de palavras e fenômenos morfossintáticos; sintaxe e termos da oração; figuras de sintaxe, vícios da linguagem, colocação pronominal.

O índice nos coloca diante de tópicos tradicionais e nada diversos daqueles que figuravam nos compêndios gramaticais da época, mas o “método confuso”, ao ser expresso, leva-nos à fina ironia. No trecho que segue (FRADIQUE, [19--], p. 17), um exemplo da exploração do jogo gráfico que auxiliava na composição da ironia.



**Figura 1** – Trecho do Capítulo VIII, que trata da “Phonologia”

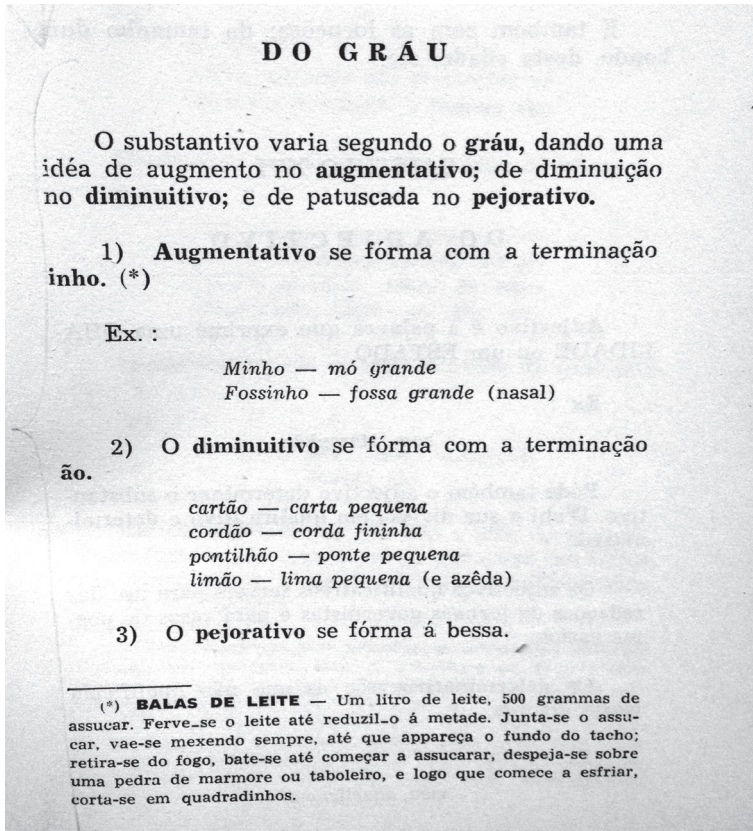
Fonte: Fradique ([19--], p. 35).

Ao introduzir a lexicologia, o posicionamento corrosivo de Mendes Fradique parece ir ao encontro de uma imagem negativa do ensino gramatical, presente, sem dúvida, em muitas esferas sociais até hoje.

*A lexicologia é a parte mais cacête da grammatica; estuda a classificação dos vocabulos, como si fosse isso preciso ou mesmo util aos interesses vitaes do genero humano. Enfm, nessa coisa de grammatica, somos da opinião daquelle prudente velho Aleixo, que dizia: “Não fosse eu o velho Aleixo;/ Assim o acho, assim o deixo...”.*

*Por via disso vamos perder um pouco de tempo com a tal de lexicologia. Ella classifica os vocabulos em 8 grupos: **substantivo, adjetivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjunção, interjeição** (FRADIQUE, [19--], p. 52-53).*

Nenhum compromisso referencial com a metalinguagem tradicional é o que se verifica no trecho de tratamento da flexão nominal, reproduzido tal como aparece na edição.



**Figura 2** – Reprodução fotográfica da página 61 da edição publicada pela Editora Musa

Fonte: Fonte: Fradique ([19-], p. 61).

A paródia de Mendes Fradique reproduz em tudo a forma e o estilo consagrados pelas gramáticas da época, mas o conteúdo era revelador de surpresas que negavam a validade do próprio gênero. Exemplar dessa peculiaridade da *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso* são as notas de rodapé – um dos símbolos máximos dos discursos acadêmicos. As notas em Mendes Fradique trazem para o interior do discurso gramatical, inesperadamente, assuntos tão díspares como receitas culinárias, como vemos na figura anterior: a nota de rodapé que surge na explicação ao avesso do grau aumentativo e diminutivo não nos conduz a uma explicação maior sobre a flexão, mas, ao contrário, explica os procedimentos para fazer uma bala de leite.

O tratamento do verbo e suas flexões permite duas constatações: 1. traços da crítica social de Mendes Fradique, criando uma rede intertextual entre a *História do Brazil pelo Methodo Confuso* e a *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*; 2. talvez ao contrário do que seu autor desejaria, o texto de seu projeto gramatical pelo “método confuso” nos legou dados da linguagem utilizada em sua época – a paródia de Mendes Fradique acabou de fato funcionando como instrumento de acesso a uma realidade linguística, tornando-se, portanto, ela mesma, um documento com a validade que procurava negar. Na linguagem em-

pregada pelo autor, vemos algumas formas em uso na década de 1920 que nos sugerem um *corpus* para exame sobre a linguagem informal do período, com expressões de cunho popular, correntes na época.

Até a conhecida polêmica, desde o final do século XIX, sobre a colocação pronominal e a constituição de peculiaridades de um português brasileiro encerra a gramática de Mendes Fradique, porém, claro, em veia cômica e ferina.

*É menos difícil colocar-se um sujeito no Ministério da Fazenda do que um pronomine no seu competente logar. Os pronomes passam muito mal, quando manejados por escriptores de meia tigela ou mesmo de tigela inteira.*

*O pronomine, em portuguez, é como o gramado dos jardins – só os ilheus fêlpudos é que os sabem plantar no sitio devido (FRADIQUE, [19--], p. 89-90).*

Seguindo o estilo de composição das gramáticas de seu tempo, Mendes Fradique apresenta ainda uma antologia de textos literários. Mais uma vez, ironia, blague, humor. Antes do texto literário, uma introdução apresentava, de modo inusitado, os diferentes autores selecionados:

*Castro Alves foi um caso muito sério e não comporta mais essa coisa de biographia, bibliographia e annexos.*

*No Brazil, quem não conhecer integralmente a personalidade de Castro Alves, que metta uma bala nos miolos ou vá pixar trilho da Light, ao meio dia em ponto, á rua Santo Christo (FRADIQUE, [19--], p. 109).*

## **PELA CRÍTICA DE MENDES FRADIQUE, UMA RUPTURA COM A TRADIÇÃO GRAMATICAL**

A gramática como gênero constitui-se a partir de seu estilo de composição e pelo conteúdo que veicula, funcionando como mais um dos elementos que compõem um outro gênero mais abrangente, o do material didático. Essa gramática na tradição brasileira só modificou suas configurações no final do século XX sob influência da linguística, mas até esse momento de descontinuidade ou ruptura o que tivemos foi a escrita de um compêndio em continuidade com a Gramática Tradicional.

A organização, escrita, produção, divulgação e adoção de um material didático espelha, na sua própria dimensão, um processo de escolarização de determinados conteúdos constituintes de uma área de conhecimento materializada na disciplina Língua Portuguesa (SOARES, 2004, p. 155). Sendo assim, o livro torna-se espaço de articulação de diferentes esferas de atuação no processo escolar, estabelecendo um elo entre diretrizes públicas, planos e projetos de ensino, o professor e, por fim, o aluno, que concretiza essa rede mais ampla de relações no uso do material. Há saberes escolares sobre a língua portuguesa circulando nessa longa teia de encontros e desencontros, pendendo para cada um desse polos de acordo com a realização adequada de cada uma das esferas atuantes nos espaços e tempos do ensino de língua. Nessa confluência de saberes, uma cultura linguística vai se delineando e estabelecendo visões mais populares do que é a transmissão didática de aspectos linguísticos de um idioma materno. Destarte, se a primeira esfera de atuação de uma gramática é como material de acesso ao processo de ensino-aprendizagem, e conseqüentemente sua concretização e validação, essa mesma obra acaba por alcançar outros espaços sociais, criando imagens e símbolos para a percepção dos modos de tratamento de uma língua.



Sem dúvida que um ensino de feição tradicional vem distanciando, há longo tempo, os falantes de sua própria língua e ensino. O deboche de Mendes Fradique nos conduz a essa percepção: uma imagem negativa que se tinha dos modos de ensino da língua, materializado, entre outros elementos, na gramática que lhe dava suporte e direção. Consciente desse papel do instrumento linguístico, a página de rosto da gramática pelo “método confuso” procurava ironicamente seu argumento de autoridade na indicação de seu sucesso, ou seja, ser adotada nos diferentes institutos e escolas.

A década de 1920 é um período de continuidade de uma tradição, no sentido de que faz parte de um processo desenrolado desde os primeiros momentos da gramática de língua portuguesa de feição brasileira no século XIX: “a disciplina português manteve, de certa forma, até os anos 40 do século XX, a tradição da gramática, da retórica e da poética” (SOARES, 2004, p. 164). Em uma escola orientada para a elite financeira e intelectual de um país ainda se descobrindo nos processos de urbanização e industrialização, o ensino de língua materna, até os anos 1940, se atrelou a uma feição tradicional, continuísta nesse sentido, reproduzindo formas e modos de tratamento da linguagem que já tinham alcançado sua configuração muitos séculos antes. Uma gramática herdeira de uma visão greco-latina de conhecimento sobre a língua, calcada sobretudo na modalidade escrita e no cultivo da norma culta, instituindo sobremaneira o posicionamento do “falar e escrever bem”, em uma perspectiva que coloca o ensino do idioma materno em conjunção muito próxima, e até simplista, com a dimensão social de atuação dos usuários da língua, uma vez que a escola pauta-se pelo exercício contínuo de ensinar o bom uso de um idioma.

Essa perspectiva, na qual se insere o tratamento gramatical da década de 1920, concretiza a visão de língua subjacente ao tratamento linguístico presente nos manuais didáticos. A língua como sistema é a perspectiva que sustenta livros com explicações gramaticais exclusivamente centradas no funcionamento e relações das unidades constituintes das estruturas linguísticas. Ao lado disso, a visão estética, sobretudo construída numa perspectiva estilística, se faz presente na forma como textos são abordados e nos modos de direcionamento do conhecimento da língua para o bom uso do português. A rigor, essas concepções só encontrarão descontinuidade em seu processo na década de 1970, com o avanço das visões que colocam a língua em perspectiva comunicativa e interacional<sup>5</sup>.

Podemos ver em texto de Rubem do Amaral de 1939 – semelhante ao discurso de Mendes Fradique no tom nervoso da crítica – a negação da forma esquemática de tratamento da língua e sua estrutura gramatical. De fato, como dissemos, a percepção do que seja o ensino de gramática se desloca de seu *locus* preferencial de atuação e atinge outras esferas públicas, formando uma espécie de cultura linguística, representada na visão que os usuários de uma língua, longe de uma perspectiva acadêmica, têm do que é falar, escrever e saber português.

*As pobres crianças empanturram-se de regras, que lhes atravancam o cérebro, como a um baú de turco, e, ao cabo de cinco, de sete anos de trabalhos e sacri-*

5 “Pode-se concluir que, em todo esse período, a concepção de língua que informava o ensino de português foi a concepção de língua como sistema: ensinar português era ensinar a conhecer/reconhecer o sistema linguístico, ou apresentando e fazendo aprender a gramática da língua, ou usando textos para buscar neles estruturas linguísticas que eram submetidas à análise gramatical” (SOARES, 1998, p. 55).

*ficios, não sabem falar, não sabem escrever, não sabem redigir, não sabem pensar ou traduzir o seu pensamento com ordem, clareza e elegância. É porque os professores de português procedem exatamente como um pai tonto que, devendo mandar o filho para Rio ou S.Paulo, comprasse uma planta dessas cidades e se pusesse a ensiná-la ao rapaz. O desgraçado teria que decorar a localização de todas as ruas e praças das metrópoles, nelas situando os principais edifícios públicos, as estações ferroviárias, as casas comerciais, as linhas de bondes e ônibus, as ladeiras e os morros, os mil e um acidentes naturais ou artificiais. Ao cabo de cinco, de sete anos, o rapaz nada saberia do Rio ou de S.Paulo. Mas, em poucas semanas de passeio, vendo, observando e anotando, poderia ser um guia em qualquer das duas cidades. A gramática é a planta da língua, boa para uma consulta, imprestável para transmitir o seu conhecimento. E os moços brasileiros, em vez de estudar a língua, estão sendo forçados a encaixar no cérebro a planta, que os martiriza e que odeiam* (Rubem do Amaral, “O ensino do português”, Revista da Academia Paulista de Letras, ano II, n. 8, p. 48-51, dez. 1939. In PINTO, 1981, p. 418).

Ou seja, a superação de uma forma de ensino de língua sempre esteve na ordem do dia, por assim dizer, a ponto de intelectuais, como Rubem do Amaral e Mendes Fradique, construírem textos permeados de linguagem figurada e irônica para dar força a sua retórica, proclamando no debate público a necessária alteração do processo de ensino-aprendizagem da língua, relacionado, até a década de 1940, a uma esfera de influência advinda dos países que estabeleceram como formas privilegiadas de tratamento da língua aquelas baseadas nas concepções de natureza filológica e histórica, concentradas sobretudo nas denominações Gramática Histórica e Filologia, ao lado dos estudos da Dialetologia.

Alvo da recriação sem concessões de Mendes Fradique, a gramática como gênero didático apresenta algumas particularidades, sobretudo porque é forma de ação social, elaborada por uma cultura específica, tendo em vista espaços de comunicação e interação entre indivíduos com propósitos delimitados, direcionadores do contato entre gênero e seus usuários.

Os livros didáticos – como o eram gramáticas com a feição criticada pela ironia de Mendes Fradique – são resultantes do trabalho de instituições específicas e veiculam, como gênero, formações discursivas que delineiam formas de saber que um autor assumiu como válidas em um momento histórico. Assim, a gramática como material didático, por meio de sua configuração, metalinguagem e formas de apresentação, organiza e difunde uma imagem ideal de ensino, projetando para o leitor e seu autor uma visão universal, integral e praticamente inquestionável para o texto produzido que, por ser objeto do processo pedagógico, cria um espaço atemporal, não consciente da história e das formulações e reformulações pelas quais o conhecimento passa. Estabilidade pontualmente marcada e passo a passo desconstruída pela perspectiva irônica da gramática pelo “método confuso”.

No lugar da homogeneidade da gramática e seus símbolos de autoridade e voz definitiva, um discurso calcado na pauta da negação de um tratamento gramatical que se coloca, então, via chave irônica, em desequilíbrio. Em relação a essa quebra de um modelo instituído, observe-se a definição de gramática e seus propósitos, instalando a paródia de imediato, logo no início do texto sob a pena do “método confuso”:

**Grammatica** é a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua. Segundo affirmam os grammaticos, a grammatica é o conjunto de regras tiradas do modo pelo qual um povo falla usualmente uma lingua. Ora, o povo falla sempre muito mal, e escreve ainda peiormente; logo, não é de estranhar que seja a grammatica a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua (FRADIQUE, [19--], p. 7).

No trecho citado, a percepção de uma imagem de uso linguístico que não nos é distante: a norma culta veiculada pela gramática mantém-se distante da fala popular e cotidiana que faz o sabor de uma nação e seu povo. Naturalmente que esse posicionamento se dá de maneira velada no tom do deboche e da ironia, desautorizando, como apontamos, o próprio discurso de autoridade de que sempre se viram revestidos os compêndios gramaticais.

Ainda nessa perspectiva, Mendes Fradique desarticula – em uma crítica nada sutil, recheada de verbos de denotação pejorativa – a denominação de gramática como *arte de gramática*, expressão de longa tradição no pensamento gramatical, em que *arte*, termo derivado do grego e chegando até a língua portuguesa pelo latim, refere-se à técnica, a um saber prático. Sem contar o ataque ao próprio fazer gramatical, distanciando-o, assim, de sua função social. Nem técnica, nem arte, nem ciência. Na veia irônica do “método confuso”, a gramática encontra-se em espaço da nulidade, desautorizando, portanto, o direito a um lugar não só no ensino, como na própria constituição de uma sociedade de falantes letrados ou não, envoltos, constantemente, em variantes linguísticas das mais diferentes características.

**Arte** é tudo quanto consegue emocionar; ora, grammatica paulifica, enfastia, caceteia, encrespa o discurso, enteiriça a phrase, mechanisa a expressão, mumifica a idéia, e faz ainda mil e uma coisas mais, qual dellas entretanto menos capaz de emocionar. Logo grammatica não é arte. Em resumo: arte é o talento de quem tem talento; grammatica é o talento de quem não tem talento.

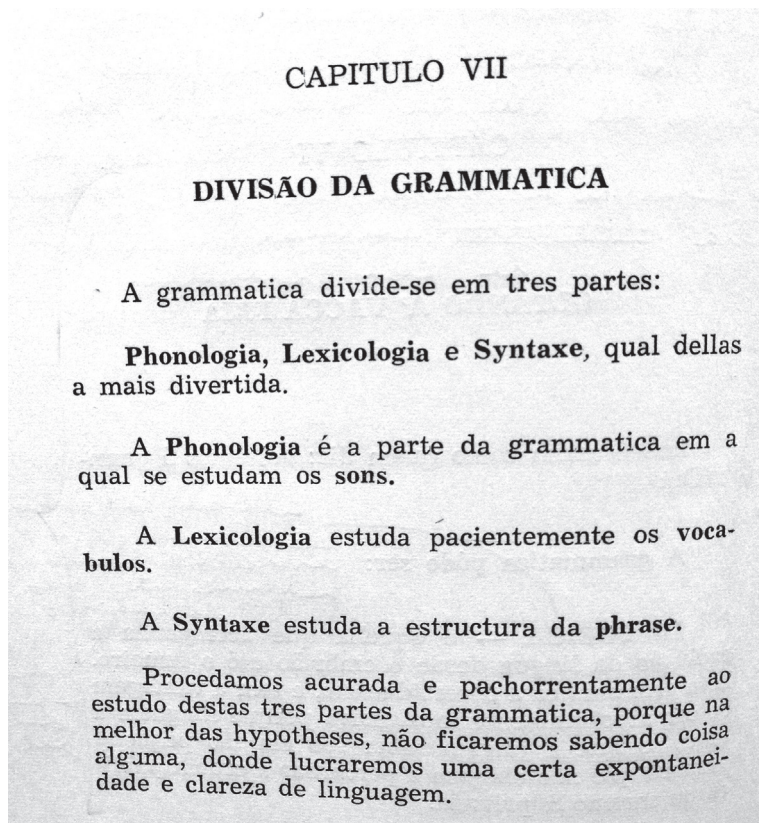
Será então a grammatica uma sciencia?

Não parece.

A **sciencia** é o trabalho da intelligencia tendente ao conhecimento e simplificação dos phenomenos; ora, grammatica principia por não ser um trabalho da intelligencia, porque quem é intelligente não perde tempo em carrancismos grammaticaes. Além disso a grammatica, longe de tender á simplificação dos phenomenos, complica tudo: a lingua, a linguagem e todas as fôrmas de enunciar-se uma idéa (FRADIQUE, [19--], p. 8).

Contraponto ideal, para Mendes Fradique e seu “método confuso”, para uma instituição política que coloca o país não só na desordem, no caos e nos equívocos de uma elite social e política. Assim como a história das instituições públicas do Brasil conduz, em muitos aspectos, a um nada, tamanho o descompasso entre elite governante e necessidades da população, a gramática, por seu distanciamento erigido na torre de marfim do saber academicista e elitista (cf. a ironia da capa, na edição da Musa, em que o intelectual e sua gramática são jogados do lombo do cavalo pelo próprio), instala um tipo de conhecimento que também conduz a um nada, pois distante da linguagem cotidiana e dos usos linguísticos: “A grammatica é assim uma especie de Republica no Brasil, que está ahi, sem que ninguem saiba de facto o que ella é, nem mesmo porque veio parar nesta terra” (FRADIQUE, [19--], p. 9).

Abordando os componentes de uma língua, desde o som até as estruturas sintáticas, o discurso gramatical das primeiras décadas do século XX, continuista do século passado, também não passou incólume pelo método confuso. A divisão das partes de uma gramática é apresentada como imagem inversa, porque questiona definições correntes, de um modelo de organização que pouco se renovou.



**Figura 3** – Reprodução de trecho do Capítulo VII, na edição publicada pela Editora Musa (s. d.)

Fonte: Fradique ([19-], p. 16).

Representativos das diferentes relações lógicas que os termos de uma oração contraíam, os diagramas sintáticos e também outras representações gráficas, como as árvores de famílias linguísticas, não foram deixados de lado pelo “método confuso”, no entanto inseriam um discurso absolutamente alheio a qualquer abordagem gramatical. Um deboche que não deixava espaço para que a tradição tomasse fôlego na pesada crítica que recebia de Mendes Fradique: a “fórmula racional”, dada em nota de rodapé, apresentava os ingredientes de uma feijoada. Para o leitor, a senha: as formalizações e as tentativas de domar a língua em técnicas e fórmulas não revelariam o vazio mesmo de uma técnica? Daí preencher diagramas e representações com qualquer coisa, uma vez que, como se pode depreender pelo “método confuso”, tão extrínsecos à língua e seus

fenômenos que podem conter absolutamente tudo, até uma receita de culinária, exatamente em um capítulo no qual se abordava ironicamente as famílias linguísticas. No lugar das árvores com línguas-mãe, troncos e ramos linguísticos, ingredientes e a “fórmula empyrica de feijoada completa”.



**Figura 4** – Nota de rodapé da página 13, na explicação sobre as famílias de línguas. Edição publicada pela Editora Musa (s. d.)

Fonte: Mendes Fradique ([19--], p. 13).

Também vendo negativamente a Filologia, diretriz de muitos estudos sobre linguagem em sua época, Mendes Fradique deixa seu “método confuso” dizer o que pensa de uma tradição de estudo: “Chama-se **língua**, em Philologia, o processo vocal por que se entendem ou desentendem os elementos da collectividade humana” (FRADIQUE, [19--], p. 10). A visão biologizante de língua do século XIX e de toda uma linguística de feição histórica é especialmente contemplada na marcha do deboche na definição de língua, muito distante do que a escrita gramatical impõe:

***Língua** é um musculo chato, muito movel, com uma ponta presa e outra solta. E ahi é que está precisamente o grande mal da humanidade; se a lingua tivesse as duas pontas presas, quantos males se não evitariam no genero humano?*

*Mas é tão radicado no homem o ter a língua com uma das pontas soltas, que, quando a natureza opera o prodígio de fazer nascer alguém com a língua presa, logo corre o pai da criança ao médico mais próximo, afim de que este corte o freio à língua do inocente* (FRADIQUE, [19--], p. 9).

Na década de 1920, no desenvolvimento de seu projeto crítico vazado em tom de paródia e ironia, Mendes Fradique, por meio de sua *Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso*, possibilitou uma visão de como o instrumento gramática era percebido socialmente por uma parcela dos intelectuais e homens de imprensa. Material didático por excelência para o ensino de língua portuguesa, em sua época – e durante um bom tempo –, era atrelada exclusivamente à perspectiva normativa e histórica de língua, com a transmissão daquele conjunto descritivo que ficou reconhecido como Gramática Tradicional.

## CONCLUSÃO

Como vimos, a subversão irônica do “método confuso” de descrever gramaticalmente o português nos possibilita observar como a língua e seus modos de tratamento podem ilustrar um posicionamento negativo a respeito da maneira como muitos falantes compreendem a linguagem, seu uso, ensino e codificação gramatical. Indiretamente, como todo bom discurso irônico, Mendes Fradique parece querer nos apontar que há uma tradição intelectual (paralela ao academicismo das cátedras universitárias de então) associada a uma elite que constrói as bases sociais de uma nação, de cima para baixo, e que acaba por influenciar na formação de identidades, em meio ao complexo jogo de pertencer ou não a um grupo. Pertencimento relacionado com a variedade da língua utilizada e também com o acesso a que se tem aos usos socialmente marcados como privilegiados.

Se as estruturas políticas e administrativas não conduziam, nas primeiras décadas republicanas, o país a um caminho democrático (como nos direciona a entender a história de Mendes Fradique sob a pauta de seu “método confuso”), a linguagem utilizada e os meios pelos quais se processavam o ensino da língua e a produção correspondente de material didático também não nos guiavam a um horizonte mais favorável. História e língua – elementos característicos e caracterizadores de uma identidade nacional –, na posição adotada por Mendes Fradique na década de 1920, apenas poderiam ser compreendidas pelo viés de um método que era imagem em exata reprodução de sua realidade: a confusão que lhe era característica.

O que se encontra na gramática, agora objeto histórico, é negação e ruptura de uma tradição vista de modo irônico, revelando para o leitor crítico de hoje, a partir da interferência interpretativa do historiógrafo dos estudos sobre a linguagem, descontinuidades com um saber que circulava na época da composição e do lançamento da gramática. Em meio a um projeto crítico, uma trajetória de ruptura pode ser vislumbrada pela perspectiva da Historiografia da Linguística: alvo da crítica implacável de Mendes Fradique, a tradição gramatical, exposta nos manuais de ensino, nas salas de aula, nas gramáticas não só da época, viu-se em mirada opositiva, em que no fundo há uma negação de um modo cristalizado de transmitir conhecimentos sobre a língua, uma vez que distante da realidade linguística dos falantes, da capacidade dinâmica de um

sistema de se reinventar no uso dos falantes em meio a diversas produções de sentido e, acima de tudo, um não reconhecimento com uma forma elitizada de entender língua, expressa nos compêndios gramaticais tão acidamente dissecados e neutralizados pela voz sagaz e implacável de Mendes Fradique e seu “método confuso”.

A partir do exame de uma obra que definitivamente não faz parte do cânone da história gramatical, exatamente por colocar contra a parede de modo nada sutil essa mesma tradição, podemos entender o processo histórico em meio a uma instabilidade constante, que lhe acaba por ser característica, entre continuidades e descontinuidades. Facetas necessariamente complementares, como apontado no início deste artigo, de uma mesma história, que assume diferentes configurações diante do dinamismo próprio da construção dos saberes, imersos em processos sociais, intelectuais, históricos e intersubjetivos, a continuidade e a descontinuidade, esta com todo o seu jogo retórico de ruptura, alternam-se em uma série de posições e superposições, que cabe ao historiógrafo narrar e desenhar, atento ao fato de que “só se pode identificar aquilo que mudou se se souber o que ficou igual” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 36).

Sendo assim, mesmo considerando uma obra de franca crítica a uma tradição, que exige ruptura com saberes cristalizados, ainda que não proponha algo no lugar (e nem era esse seu objetivo), penso que é vazado por meio do discurso de Mendes Fradique, na linha pautada do deboche e da teoria, uma contínua negação de uma maneira de entender uma língua e seu funcionamento, atrelada a uma perspectiva elitista e encastelada em cátedras inatingíveis de ensino e transmissão oca de conteúdos gramaticais, que na perspectiva do “método confuso” deixariam definitivamente distantes língua, nação e povo, na mesma medida em que se via na história social de um país, na organização política de sua recente República, o distanciamento crescente entre ações políticas e desejos de sua população, aspecto que o desenrolar histórico só confirmou. Não à toa, vemos, em outra mirada, ainda hoje linguistas e gramáticos em eterno debate sobre modos de ensinar língua e aproximar falantes de seu estudo e compreensão. Uma História que se encaminha entre retornos e repetições, muitas vezes negados pelos discursos de ruptura, elementos de sua própria constituição.

#### **RUPTURE, IRONY AND NEGATION: A NON-CANONICAL WORK, AND DISCONTINUITIES IN THE HISTORY OF GRAMMAR**

*Abstract: From theoretical and methodological procedures of the Historiography of Linguistics, the text looks for a reflection on a non-canonical work in the history of Brazilian grammar. For this, we analyze the ironic discourse of Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso, written in 1927 by Mendes Fradique aiming to criticize a tradition of Brazilian education, linked to another critical perspective, which put forth the Brazilian society in the early decades the Republic. Considering the ironic perspective of Mendes Fradique as an exemplar of rupture in a grammatical tradition, the paper also intends to discuss what is understood as continuity and discontinuity in the history of studies on language.*

**Keywords:** *Linguistic historiography. Grammar. Mendes Fradique.*

**REFERÊNCIAS**

- ALTMAN, C.; BATISTA, R. de O. (Org.). Dossiê Historiografia da Linguística. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-120, maio 2012.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Pontes, 1992.
- BATISTA, R. de O. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- FRADIQUE, M. *Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso*. São Paulo: Musa, [19--].
- KOERNER, K. Models in Linguistic Historiography. In: KOERNER, K. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1989. p. 47-60.
- LUSTOSA, I. *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- PINTO, E. P. (Org.). *O português do Brasil*. Textos críticos e teóricos. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1981. v. 2: 1920/1945 – Fontes para a teoria e a história.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- SOARES, M. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino*. São Paulo: Educ, 1998. p. 53-60.
- SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 155-177.
- SWIGGERS, P. *Histoire de la pensée linguistique*. Paris: PUF, 1997.
- SWIGGERS, P. História e Historiografia da Linguística: *status*, modelos e classificações. *Revista Eutomia*, ano III, v. 2, p. 2-17, dez. 2010.
- SWIGGERS, P. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44/45, 2013. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/?cat=32>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em março de 2014.